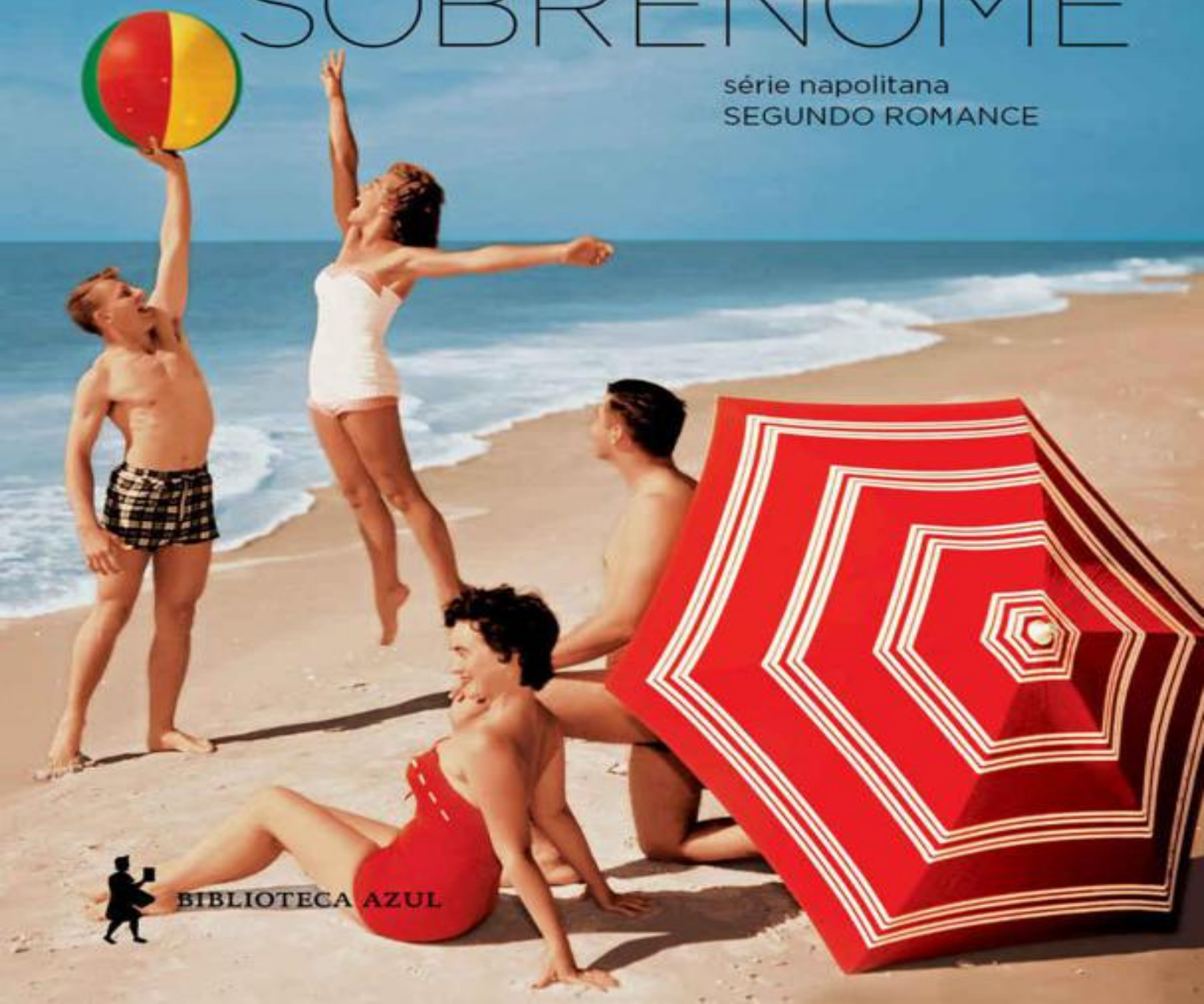


A continuação do aclamado A AMIGA GENIAL

# ELENA FERRANTE HISTÓRIA DO NOVO SOBRENOME

série napolitana  
SEGUNDO ROMANCE



BIBLIOTECA AZUL

Índice geral da obra *A amiga genial*

Volume 1

*A amiga genial*

Volume 2

*História do novo sobrenome*

Volume 3

*História de quem vai e de quem fica*

Volume 4

*História da menina perdida*

**ELENA  
FERRANTE  
HISTÓRIA  
DO NOVO  
SOBRENOME**

JUVENTUDE

Tradução  
Maurício Santana Dias



BIBLIOTECA AZUL

Copyright © Edizioni E/O 2011  
Publicado em acordo com The Ella Sher Literary Agency  
Copyright da tradução © 2015 by Editora Globo s.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Storia del nuovo cognome*

Editora responsável: Ana Lima Cecilio  
Editor assistente: Thiago Barbalho  
Editor digital: Erick Santos Cardoso  
Diagramação: Jussara Fino  
Capa: Mariana Bernd  
Revisão: Eloah Pina

cip-brasil. catalogação-na-fonte  
sindicato nacional dos editores de livros, rj

F423h

Ferrante, Elena

História do novo sobrenome: a amiga genial, volume 2 / Elena Ferrante; tradução Maurício Santana Dias. – 1. ed. – São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

Tradução de: *Storia del nuovo cognome*  
isbn 978-85-250-6244-4

1. Romance italiano. i. Dias, Maurício Santana. ii. Título.

16-30618 cdd: 853

cdu: 821.131.3-3

1ª edição, 2016

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Globo s.a.

Av. Nove de Julho, 5229  
São Paulo-sp 01407-907  
www.globolivros.com.br

# Sumário

Capa

Índice geral da obra

Folha de rosto

Créditos

Lista dos personagens

JUVENTUDE

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

18.

19.

20.

21.

22.

23.

24.

25.

26.

27.

28.

29.

30.

31.

32.

33.

34.

35.

36.

37.

38.

39.

40.

41.

42.

43.

44.

45.

46.

47.

48.

49.

50.

51.

52.

53.

54.

55.

56.

57.

58.

59.

60.

61.

62.

63.

64.  
65.  
66.  
67.  
68.  
69.  
70.  
71.  
72.  
73.  
74.  
75.  
76.  
77.  
78.  
79.  
80.  
81.  
82.  
83.  
84.  
85.  
86.  
87.  
88.  
89.  
90.  
91.  
92.  
93.  
94.  
95.  
96.  
97.  
98.  
99.

100.  
101.  
102.  
103.  
104.  
105.  
106.  
107.  
108.  
109.  
110.  
111.  
112.  
113.  
114.  
115.  
116.  
117.  
118.  
119.  
120.  
121.  
122.  
123.  
124.  
125.

# LISTA DOS PERSONAGENS

## **A família Cerullo (família do sapateiro):**

*Fernando Cerullo*, sapateiro, pai de Lila. Interrompeu os estudos da filha após a escola fundamental.

*Nunzia Cerullo*, mãe de Lila. Embora apoie a filha, não tem autoridade suficiente para defendê-la contra o pai.

*Raffaella Cerullo*, chamada de Lina ou Lila. Nasceu em agosto de 1944. Aos 66 anos, desapareceu de Nápoles sem deixar vestígios. Aluna brilhante, escreve aos dez anos uma novela intitulada *A fada azul*. Abandona a escola após completar o ensino fundamental e aprende o ofício de sapateiro.

*Rino Cerullo*, irmão mais velho de Lila, também sapateiro. Com o pai, e graças a Lila e ao dinheiro de Stefano Carracci, abre a fábrica de calçados Cerullo. Torna-se noivo da irmã de Stefano, Pinuccia Carracci. O primeiro filho de Lila traz o nome dele, Rino.

*Outros filhos.*

## **A família Greco (família do contínuo):**

*Elena Greco*, chamada de *Lenuccia* ou *Lenu*. Nascida em agosto de 1944, é a autora da longa história que estamos lendo. Elena começa a escrevê-la no momento em que recebe a notícia de que sua amiga de infância, Lina Cerullo, chamada de Lila apenas por ela, desapareceu. Depois da escola fundamental, Elena continua a estudar com êxito crescente. Apaixona-se desde a primeira infância por Nino Sarratore, mas cultiva seu amor em segredo.

*Peppe, Gianni e Elisa*, irmãos mais novos de Elena.

O *pai* trabalha como contínuo na prefeitura.

A *mãe*, dona de casa. Seu andar manco perturba Elena.

### **A família Carracci (família de dom Achille):**

*Dom Achille Carracci*, o ogro das fábulas, contrabandista e agiota. Foi assassinado.

*Maria Carracci*, mulher de dom Achille, mãe de Stefano, Pinuccia e Alfonso. Trabalha na charcutaria da família.

*Stefano Carracci*, filho do falecido dom Achille, marido de Lila. Administra os bens acumulados pelo pai e é proprietário, com a irmã Pinuccia, Alfonso e a mãe, de uma lucrativa charcutaria.

*Pinuccia*, filha de dom Achille. Trabalha na charcutaria. É namorada do irmão de Lila, Rino.

*Alfonso*, filho de dom Achille. É colega de escola e divide o mesmo banco com Elena. É namorado de Marisa Sarratore.

### **A família Peluso (família do marceneiro):**

*Alfredo Peluso*, marceneiro. Comunista. Acusado de ter assassinado dom Achille, foi condenado e está na prisão.

*Giuseppina Peluso*, mulher de Alfredo. Operária da fábrica de tabaco, se dedica aos filhos e ao marido preso.

*Pasquale Peluso*, filho de Alfredo e Giuseppina, pedreiro, militante comunista. Foi o primeiro a perceber a beleza de Lila e a declarar-lhe seu amor. Detesta os Solara. É namorado de Ada Cappuccio.

*Carmela Peluso*, também conhecida como *Carmen*. Irmã de Pasquale, era vendedora em um armário até ser contratada por Lila na nova charcutaria de Stefano. Está noiva de Enzo Scanno.

*Outros filhos.*

### **A família Cappuccio (família da viúva louca):**

*Melina*, parente de Nunzia Cerullo, viúva. Lava as escadas dos prédios do bairro velho. Foi amante de Donato Sarratore, o pai de Nino. Os Sarratore deixaram o bairro justamente por causa dessa relação, e Melina quase enlouqueceu.

O *marido* de Melina descarregava caixas no mercado de hortifrúti e morreu em circunstâncias obscuras.

*Ada Cappuccio*, filha de Melina. Desde menina ajudava a mãe a lavar as escadas. Graças a Lila, é contratada como vendedora na charcutaria do bairro velho. É namorada de Pasquale Peluso.

*Antonio Cappuccio*, irmão dela, mecânico. É namorado de Elena e tem muitos ciúmes de Nino Sarratore.

*Outros filhos.*

### **A família Sarratore (família do ferroviário-poeta):**

*Donato Sarratore*, ferroviário, poeta, jornalista. Grande mulherengo, foi amante de Melina Cappuccio. Quando Elena vai passar férias em Ischia e se hospeda na mesma casa onde os Sarratore passam a temporada de verão, é forçada a deixar a ilha às pressas para escapar ao assédio sexual de Donato.

*Lidia Sarratore*, mulher de Donato.

*Nino Sarratore*, o mais velho dos cinco filhos de Donato e Lidia. Odeia o pai. É um aluno brilhante.

*Marisa Sarratore*, irmã de Nino. Frequenta sem grande sucesso um curso de secretariado. É namorada de Alfonso Carracci.

*Pino, Clelia e Ciro Sarratore*, os filhos mais novos de Donato e Lidia.

### **A família Scanno (família do verdureiro):**

*Nicola Scanno*, verdureiro.

*Assunta Scanno*, mulher de Nicola.

*Enzo Scanno*, filho de Nicola e Assunta, também verdureiro. Desde a infância Lila tem simpatia por ele. Suas relações começaram quando Enzo, durante uma disputa na escola, revelou uma unsuspeitada habilidade em matemática. Enzo está noivo de Carmen Peluso.

*Outros filhos.*

### **A família Solara (família do dono do bar-confeitaria de mesmo nome):**

*Silvio Solara*, proprietário do bar-confeitaria, monarquista e fascista, camorrista ligado aos negócios ilícitos do bairro. Foi contra a abertura da fábrica de calçados Cerullo.

*Manuela Solara*, mulher de Silvio, agiota: todos do bairro temem seu caderno vermelho.

*Marcello e Michele Solara*, filhos de Silvio e Manuela. Fanfarrões, prepotentes, mesmo assim são amados pelas jovens do bairro, afora naturalmente Lila. *Marcello* se apaixona por Lila, mas ela o

rejeita. *Michele*, pouco mais novo que Marcello, é mais frio, mais inteligente, mais violento. Está noivo de Gigliola, a filha do confeitoiro.

### **A família Spagnuolo (família do confeitoiro):**

*Seu Spagnuolo*, confeitoiro do bar-confeitaria Solara.

*Rosa Spagnuolo*, mulher do confeitoiro.

*Gigliola Spagnuolo*, filha do confeitoiro, noiva de Michele Solara.

*Outros filhos.*

### **A família Airola:**

*Airola*, professor de literatura grega.

*Adele*, sua mulher.

*Mariarosa Airola*, a filha mais velha, professora de história da arte em Milão.

*Pietro Airola*, estudante.

### **Os professores:**

*Ferraro*, professor e bibliotecário. Premiou Lila e Elena quando pequenas por serem leitoras assíduas.

*Oliviero*, professora. Foi a primeira a se dar conta das potencialidades de Lila e Elena. Aos dez anos de idade, Lila escreveu um conto intitulado *A fada azul*. Elena gostou tanto da história que a deu para Oliviero. Mas a professora, zangada porque os pais de Lila decidiram não mandar a filha para o ensino médio, nunca se pronunciou sobre o conto. Ao contrário, deixou de preocupar-se com Lila e se concentrou apenas no bom êxito de Elena.

*Gerace*, professor do ginásio.

*Galiani*, professora do liceu. É muito culta, comunista. Fica imediatamente encantada com a inteligência de Elena. Emprsta livros a ela e a protege nos embates com o professor de religião.

### **Outros personagens:**

*Gino*, filho do farmacêutico. É o primeiro namorado de Elena.

*Nella Incardo*, prima da professora Oliviero. Mora em Barano de Ischia e hospedou Elena durante suas férias na praia.

*Armando*, estudante de medicina, filho da professora Galiani.

*Nadia*, estudante, filha da professora Galiani.

*Bruno Soccavo*, amigo de Nino Sarratore e filho de um rico industrial de San Giovanni em Teduccio.

*Franco Mari*, estudante.

# JUVENTUDE

1.

Na primavera de 1966, em um estado de grande agitação, Lila me confiou uma caixa de metal que continha oito cadernos. Disse que não podia mais guardá-los em casa, temia que o marido pudesse lê-los. Levei a caixa comigo sem fazer comentários, afora uma menção irônica ao excesso de barbante com que o atara. Naquela fase, nossas relações estavam péssimas, mas parecia que essa impressão era apenas minha. Ela, nas raras vezes em que nos víamos, não manifestava nenhum embaraço, era afetuosa, jamais deixava escapar uma palavra hostil.

Quando me pediu para jurar que nunca abriria aquela caixa, por motivo nenhum, jurei. Mas assim que me vi no trem, desatei o barbante, tirei os cadernos da caixa e comecei a ler. Não era um diário, embora ali figurassem relatos minuciosos de fatos de sua vida a partir do final da escola fundamental. Mais parecia o rastro de uma teimosa autodisciplina de escrita. As descrições abundavam: um galho de árvore, os pântanos, uma pedra, uma folha de nervuras brancas, as panelas de casa, as várias peças da maquininha de café, o braseiro, o carvão e o atizador, um mapa detalhadíssimo do pátio, o estradão, o esqueleto de metal enferrujado além dos pântanos, os jardinzinhos e a igreja, o corte da vegetação à beira da ferrovia, os edifícios novos, a casa dos pais, os instrumentos que o pai e o irmão usavam para consertar sapatos, seus gestos quando trabalhavam, sobretudo as cores, as cores de cada coisa em diversas fases do dia. Mas não havia apenas frases descritivas. Aqui e ali surgiam palavras isoladas em napolitano e italiano, às vezes contornadas por um círculo, sem comentário. E exercícios de tradução do latim e do grego. E trechos inteiros em inglês sobre as lojas do bairro, as mercadorias, o carroto lotado de frutas e verduras que Enzo Scanno levava de rua em rua todos os dias, puxando o burro pelo cabresto. E vários raciocínios sobre os livros que lia, sobre os filmes que via na sala do padre. E muitas das ideias que defendera nas discussões com Pasquale, nas conversas que tínhamos uma com a outra. Claro, o andamento era descontínuo,

mas qualquer coisa que Lila aprisionasse na escritura adquiria relevo, tanto que mesmo nas páginas escritas aos onze ou doze anos não achei uma só linha que soasse infantil.

Frequentemente as frases eram de extrema precisão, a pontuação muito cuidada, a grafia elegante como a que nos ensinara a professora Oliviero. Mas às vezes, como se uma droga lhe inundasse as veias, Lila parecia não suportar a ordem que se impusera. Tudo então se tornava árduo, as frases assumiam um ritmo sobressaltado, a pontuação desaparecia. Em geral, lhe bastava pouco para retomar o andamento largo e claro. Mas também acontecia de interromper-se bruscamente e preencher o resto da página com desenhinhos de árvores retorcidas, montanhas corcundas e fumegantes, caras assustadoras. Fui tomada tanto pela ordem quanto pela desordem, e quanto mais lia, mais me sentia enganada. Esse exercício estava por trás da carta que me enviara a Ischia anos antes: por isso era tão bem escrita. Recoloquei tudo na caixa prometendo a mim mesma que não mexeria mais naquilo.

Mas logo cedi de novo, os cadernos desprendiam a força de sedução que emanava de Lila desde pequena. Tinha tratado do bairro, dos parentes, dos Solara, de Stefano, de cada pessoa ou coisa com uma precisão implacável. E o que dizer da liberdade que se concedera quanto a mim, com o que eu dizia, com o que pensava, com as pessoas que eu amava, até com meu aspecto físico. Tinha fixado momentos decisivos para ela, sem se preocupar com nada nem com ninguém. Lá estava, nitidíssimo, o prazer que sentira quando aos dez anos escreveu aquele conto, *A fada azul*. Ali estava, com igual exatidão, o quanto havia sofrido porque nossa professora Oliviero não se dignara a dizer uma só palavra sobre aquele conto, aliás, o ignorara. Ali estava o sofrimento e a fúria por eu ter passado à escola média sem me preocupar com ela, abandonando-a. Lá estava o entusiasmo com que aprendera o ofício de sapateiro, e o sentimento de revanche que a induzira a desenhar sapatos novos, e o prazer de produzir um primeiro par com seu irmão Rino. Lá estava a dor quando Fernando, seu pai, dissera que os sapatos não eram bem-feitos. Havia de tudo naquelas páginas, mas especialmente o ódio pelos irmãos Solara, a

determinação feroz com que rejeitara o amor do mais velho, Marcello, e o momento em que decidira ficar noiva do afável Stefano Carracci, o salsicheiro, que por amor quisera comprar o primeiro par de sapatos feito por ela, jurando que o guardaria para sempre. Ah, os belos momentos em que, aos quinze anos, se sentira uma mocinha rica e elegante, de braço dado com o futuro esposo que, só porque a amava, investira muito dinheiro na fábrica de calçados do pai e do irmão, a fábrica Cerullo. E que satisfação ela experimentara: os sapatos de sua fantasia em grande parte realizados, uma casa no bairro novo, o casamento aos dezesseis anos. E que deslumbrante festa de núpcias se seguira, como estava feliz. Depois Marcello Solara, acompanhado do irmão Michele, aparecera no meio dos festejos trazendo nos pés justamente os sapatos que seu marido dissera apreciar tanto. Seu marido. Com que tipo de homem se casara? Agora, fato consumado, arrancaria a falsa cara e mostraria a outra, horrivelmente verdadeira? Indagações, e os fatos sem truques de nossa miséria. Dediquei-me muito àquelas páginas, por dias, semanas. Estudei-as, acabei aprendendo de cor as passagens de que mais gostava, as que me exaltavam, as que me hipnotizavam, as que me humilhavam. Por trás de sua naturalidade havia com certeza um artifício, mas não soube descobrir qual.

Por fim, numa noite de novembro, exasperada, saí levando a caixa comigo. Não aguentava mais sentir Lila acima e dentro de mim, mesmo agora que eu era muito estimada, mesmo agora que tinha uma vida fora de Nápoles. Parei na ponte Solferino olhando as luzes filtradas por uma neblina gélida. Apoiei a caixa no parapeito, empurrei-a devagar, devagar, um pouco a cada vez, até que caiu no rio quase como se fosse ela, Lila em pessoa, a se precipitar, com seus pensamentos, suas palavras, a maldade com que restituía golpe após golpe a cada um, seu modo de apropriar-se de mim como fazia com qualquer pessoa ou coisa ou evento ou sabedoria que se aproximasse: os livros e os sapatos, a doçura e a violência, o casamento e a primeira noite de núpcias, o retorno ao bairro no novo papel de senhora Raffaella Carracci.

2.

Eu não conseguia acreditar que Stefano, tão gentil, tão apaixonado, tivesse presenteado Marcello Solara com um sinal da Lila criança, a marca de seus esforços nos sapatos que tinha inventado.

Esqueci Alfonso e Marisa conversando entre si com os olhos brilhantes, sentados à mesa. Não dei mais atenção às risadas bêbadas de minha mãe. A música murchou, a voz do cantor, os casais que dançavam, Antonio, que saíra ao terraço e, vencido pelo ciúme, parava além da vidraça, fixando a cidade violácea, o mar. Até a imagem de Nino desbotou enquanto saía da sala como um arcanjo sem anunciação. Agora eu via apenas Lila falando ansiosamente ao ouvido de Stefano, ela palidíssima no vestido de noiva, ele sem um sorriso, uma mancha esbranquiçada de incômodo que descia da fronte aos olhos como uma máscara de Carnaval sobre o rosto aceso. O que estava acontecendo? O que teria ocorrido? Minha amiga puxava para si o braço do marido com ambas as mãos. Puxava com força, e eu, que a conhecia a fundo, sentia que, se tivesse podido, ela o teria arrancado de seu corpo e atravessado o salão carregando-o acima da cabeça, gotas de sangue sobre a cauda, e se serviria dele como de uma clava ou mandíbula de asno para arrebentar a cara de Marcello com um golpe certo. Ah, sim, ela teria feito isso, e só de pensar meu coração batia furioso, a garganta ressecava. Depois extrairia os olhos dos dois homens, descolaria suas carnes dos ossos da face, os morderia. Sim, sim, eu senti que queria, queria que acontecesse. Fim do amor e daquela festa insuportável, nada de afagos numa cama de Amalfi. Arrasar imediatamente qualquer coisa ou pessoa do bairro, fazer um massacre, escaparmos eu e Lila, ir embora para longe, descendo juntas com alegre desperdício todos os degraus da abjeção, sozinhas, em cidades desconhecidas. Pareceu-me o justo resultado daquele dia. Se nada podia nos salvar, nem o dinheiro, nem um corpo masculino, nem os estudos, tanto melhor destruir tudo de uma vez. Em meu peito cresceu a raiva que era dela, uma força minha e alheia que me encheu do prazer de perder-me.

Desejei que aquela força se expandisse. Mas me dei conta de que também estava amedrontada. Só em seguida compreendi estar condenada a ser quietamente infeliz porque sou incapaz de reações violentas, porque as temo, prefiro ficar imóvel cultivando o rancor. Lila, não. Quando deixou seu lugar, ergueu-se com tal decisão que fez a mesa tremer, os talheres nos pratos sujos, derrubando uma taça. Enquanto Stefano se apressava mecanicamente em deter a língua de vinho que corria para o vestido da senhora Solara, ela saiu a passos rápidos por uma porta secundária, puxando a cauda toda vez que se enroscava.

Pensei em correr atrás dela, segurar sua mão, sussurrar-lhe vamos, vamos embora daqui. Mas não me movi. Quem se moveu foi Stefano, que, após um instante de incerteza, a alcançou passando entre os casais que dançavam.

Olhei ao redor. Todos tinham notado que algo contrariara a esposa. Mas Marcello continuava conversando de modo cúmplice com Rino, como se fosse normal estar calçando aqueles sapatos. Os brindes cada vez mais grosseiros do comerciante de metais prosseguiam. Quem se sentia no fundo da hierarquia das mesas e dos convidados continuava tentando fazer cara de paisagem. Enfim, ninguém, exceto eu, parecia perceber que o casamento apenas celebrado — e que provavelmente duraria até a morte dos cônjuges, entre muitos filhos, numerosíssimos netos, alegrias e dores, bodas de prata, bodas de ouro —, para Lila, não importa o que o marido fizesse para obter seu perdão, já estava acabado.

3.

Os fatos no fim das contas me decepcionaram. Sentei-me ao lado de Alfonso e Marisa, sem dar atenção a suas conversas. Esperei sinais de revolta, mas nada aconteceu. Estar dentro da cabeça de Lila era, como sempre, muito difícil: não a ouvi gritar, não a ouvi ameaçar. Stefano reapareceu meia hora depois, muito cordial. Trocara de roupa, a mancha esbranquiçada entre a fronte e os olhos desaparecera. Circulou entre parentes e amigos esperando que a esposa chegasse e, quando ela retornou ao salão não mais vestida de noiva, mas em roupa de viagem, um *tailleur* azul pastel, com botões claríssimos e um chapeuzinho azul, foi logo ao seu encontro. Lila distribuiu os docinhos entre as crianças pegando-os com uma colher de prata de um recipiente de cristal, depois passou pelas mesas oferecendo as lembranças de casamento primeiro a seus parentes e em seguida aos parentes de Stefano. Ignorou toda a família Solara e até seu irmão Rino, que lhe perguntou com um sorrisinho ansioso: não gosta mais de mim? Ela não respondeu e passou as lembranças a Pinuccia. Tinha o olhar ausente, as maçãs do rosto mais marcadas que de costume. Quando chegou minha vez, me ofereceu distraída, sem sequer um sorriso cúmplice, o cestinho de cerâmica cheio de bem-casados envolvidos no tule branco.

Enquanto isso os Solara se irritaram com a descortesia, mas Stefano remediou abraçando-os um a um com uma bela expressão pacífica, murmurando:

“Está cansada, é preciso ter paciência”.

Deu até dois beijos em Rino, o cunhado fez uma expressão descontente, e o ouvir dizer:

“Não é cansaço, Sté, essa aí nasceu torta, e lamento por você”.

Stefano respondeu sério:

“As coisas tortas se endireitam”.

Depois o vi correr atrás da esposa que já estava na porta, enquanto a orquestra difundia sons embriagados e muitos se aglomeravam para os últimos cumprimentos.

Portanto nada de rupturas, não escaparíamos juntas pelas estradas do mundo. Imaginei os noivos, bonitos, elegantes, entrando no conversível. Dali a pouco chegariam à costa amalfitana, a um hotel de luxo, e toda ofensa sangrenta se transmutaria num beicinho fácil de ser apagado. Nenhuma reviravolta. Lila se afastara de mim definitivamente e — me pareceu de repente — a distância era de fato maior do que eu tinha imaginado. Não havia *apenas* se casado, não se limitaria a dormir com um homem todas as noites para cumprir as obrigações conjugais. Havia algo que eu não tinha entendido e que naquele momento me pareceu flagrante. Dobrando-se à evidência de que seu marido e Marcello Solara tinham selado sabe-se lá que acordo em torno de sua obra de infância, Lila admitira que gostava mais dele que de qualquer outra pessoa ou coisa. Se ela *já* se rendera, se *já* tinha digerido aquela afronta, a ligação com Stefano devia ser realmente forte. Ela o amava, o amava como as meninas das fotonovelas. Durante o resto da vida lhe sacrificaria todas as suas qualidades, e ele nem sequer se daria conta do sacrifício, teria em torno de si a riqueza de sentimentos, de inteligência e de fantasia que a caracterizava sem saber o que fazer com isso, simplesmente a esgotaria. Eu — pensei — não sou capaz de amar ninguém assim, nem mesmo Nino, só sei passar o tempo sobre os livros. E por uma fração de segundo me vi idêntica a uma tigela amassada com a qual minha irmã Elisa dera de comer a um gatinho até que ele desapareceu e a tigela ficou vazia e empoeirada no patamar da escada. Foi naquela altura que, com uma forte sensação de angústia, me convenci de ter avançado muito além do que devia. Preciso voltar atrás, disse a mim mesma, devo fazer como Carmela, Ada, Gigliola, a própria Lila. Aceitar o bairro, expulsar aquela arrogância, castigar a presunção, parar de humilhar quem me ama. Quando Alfonso e Marisa saíram a tempo de chegar para o encontro com Nino, dei uma grande volta para evitar minha mãe e alcancei meu namorado no terraço.

Meu vestido era muito leve, o sol tinha ido embora, começava a fazer frio. Assim que me viu, Antonio acendeu um cigarro e se virou, fingindo que olhava o mar.

“Vamos embora”, eu disse.

“Vá com o filho de Sarratore.”

“Quero ir com você.”

“Você é uma mentirosa.”

“Por quê?”

“Porque, se aquele sujeito a quisesse, você me deixaria aqui sem nem dizer tchau.”

Era verdade, mas fiquei aborrecida por ele me dizer aquilo tão abertamente, sem estar atento às palavras. Sibilei:

“Se você não entende que estou aqui correndo o risco de que a qualquer momento minha mãe apareça e me encha de tapas por culpa sua, então quer dizer que só pensa em você, que não se importa nem um pouco comigo”.

Ele sentiu em minha voz pouco dialeto, notou a frase longa, os subjuntivos, e perdeu a calma. Jogou fora o cigarro, agarrou-me pelo pulso com uma força cada vez mais descontrolada e gritou — um grito apertado na garganta — que ele estava ali por mim, só por mim, e que eu mesma lhe pedira que ficasse a seu lado o tempo todo, na igreja, na festa, eu, sim, e ainda me fez jurar, estertorou, jure, você disse, que nunca vai me deixar sozinha, e então mandei fazer o terno e estou cheio de dívidas com a senhora Solara, e só para lhe agradecer, para fazer como você disse, não estive nem um minuto com minha mãe e meus irmãos; mas a recompensa qual é, a recompensa é que você me tratou feito um merda, só conversou com o filho do poeta e me humilhou na frente de todos os amigos, me fez bancar o otário, porque para você eu não sou ninguém, porque você é muito instruída e eu não, porque eu não entendo as coisas que diz, e é verdade, verdade verdadeira que não compreendo, caralho, Lenu, olhe pra mim, olhe pra mim: você acha que pode mandar em mim com uma varinha, acha que não sou capaz de dizer chega, mas se engana, você sabe tudo, mas não sabe que se agora você sair comigo por aquela porta, e se eu lhe disser tudo bem então vamos, mas depois descubro que você se encontra na escola ou quem sabe onde com aquele escroto do Nino Sarratore, eu te mato, Lenu, por isso pense bem, me deixe aqui no meu canto, se desesperou, me deixe que é melhor pra você, e enquanto isso me fixava com os olhos vermelhos e enormes,

pronunciando as palavras com a boca escancarada e gritando sem gritar, com as narinas abertas, escuríssimas, e tanto sofrimento na cara que eu pensei talvez esteja se ferindo por dentro, porque as frases, gritadas assim na garganta, no peito, mas sem explodir no ar, são como estilhaços de ferro cortante a lhe ferir os pulmões e a faringe.

Eu sentia confusamente a necessidade daquela agressão. O aperto no pulso, o medo de que me espancasse, aquele rio de palavras dolentes acabou me consolando, tive a impressão de que pelo menos ele gostava muito de mim.

“Você está me machucando”, murmurei.

Aos poucos ele afrouxou a pegada, mas ficou me olhando de boca aberta. Dar-lhe peso e autoridade, ancorar-me nele, a pele do pulso estava ficando roxa.

“E então?”, me perguntou.

“Quero ficar com você”, respondi, mas amuada.

Fechou a boca, os olhos se encheram de lágrimas, olhou na direção do mar para ter tempo de engoli-las.

Logo depois já estávamos na rua. Não esperamos Pasquale, Enzo, as meninas, saímos sem nos despedir de ninguém. O mais importante era que minha mãe não me visse, por isso fomos embora a pé, no escuro. No início caminhamos um ao lado do outro sem nos tocar, depois Antonio envolveu meu ombro com o braço num gesto indeciso. Queria me mostrar que esperava ser perdoado, quase como se o culpado fosse ele. Como me amava, tinha decidido considerar as horas que eu passara sob seus olhos com Nino, num jogo de sedução, como um lapso de alucinações.

“Ficou roxo?”, me perguntou, tentando pegar meu pulso.

Não respondi. Apertou-me o ombro com a mão larga, e tive um impulso de irritação que o levou imediatamente a afrouxar os dedos. Esperou, esperei. Quando tentou mais uma vez me lançar um sinal de rendição, passei o braço em torno de sua cintura.

4.

Nos beijamos sem parar, atrás de uma árvore, no portão de um prédio, em ruelas escuras. Depois pegamos um ônibus, mais outro, e chegamos à estação. Seguimos rumo aos pântanos a pé, continuando a nos beijar pela rua pouco frequentada que margeava a ferrovia.

Eu sentia calor, embora meu vestido fosse leve e o frio da noite cortasse a tepidez da pele com repentinos arrepios. De vez em quando Antonio colava em mim na sombra e me abraçava com tanto ardor que me machucava. Seus lábios queimavam, o calor de sua boca me acendia os pensamentos e a imaginação. Talvez Lila e Stefano, eu me dizia, já estejam no hotel. Talvez estejam jantando. Talvez já tenham se preparado para a noite. Ah, dormir agarrada a um homem, não sentir mais frio. Eu sentia a língua de Antonio se agitando em minha boca e, enquanto me apertava os seios por cima do vestido, eu roçava seu sexo através do bolso da calça.

O céu negro estava manchado de nuenzinhas iluminadas de estrelas. O cheiro de musgo e terra apodrecida dos pântanos estava cedendo aos odores adocicados da primavera. O capim estava molhado e a água soltava repentinos soluços, como se nela caíssem um fruto, uma pedra, uma rã. Percorremos uma trilha que conhecíamos bem, rumo a um grupo de árvores secas, de troncos finos e galhos quebrados. A poucos metros estava a velha fábrica de conservas, um edifício com o teto desabado, um amontoado de traves de ferro e chapas de metal. Senti em mim uma urgente necessidade de prazer, algo que me puxava desde dentro como uma tira de veludo retesada. Queria que o desejo encontrasse uma satisfação violentíssima, capaz de mandar pelos ares todo aquele dia. Percebia o roçar que acariciava e mordida prazerosamente o fundo do ventre, mais forte que das outras vezes. Antonio me dizia palavras de amor em dialeto, as dizia na boca, no pescoço, com ânsia. Eu me calava, nunca dizia nada naqueles encontros, apenas suspirava.

“Diga que me ama”, suplicou a certa altura.

“Sim.”

“Diga.”

“Sim.”

Não acrescentei mais nada, abracei-o, apertei-o com toda a força que eu tinha. Queria ser acariciada e beijada em cada dobra do corpo, sentia a necessidade de ser triturada, mordida, queria perder o fôlego. Ele me afastou um pouco de si e insinuou uma mão no sutiã, continuando a me beijar. Mas não me bastou, naquela noite era muito pouco. Todos os contatos que tínhamos tido até aquele momento, que ele me impusera com cautela e eu aceitara com a mesma prudência, agora me pareciam insuficientes, incômodos, rápidos demais. Mas eu não sabia como lhe dizer que queria mais, não achava as palavras. Em cada um de nossos encontros secretos celebrávamos um ritual silencioso, passo a passo. Ele me acariciava o seio, levantava minha saia, me tocava entre as coxas, e enquanto isso, como um sinal, me impelia contra a convulsão de pele macia, cartilagens, veias e sangue que vibravam dentro de sua calça. Mas naquela ocasião eu demorei a tirar seu sexo para fora, sabia que assim que o fizesse ele se esqueceria de mim, pararia de me tocar. Os seios, os flancos, o traseiro, o púbis já não o manteriam ocupado, ele se concentraria exclusivamente em minha mão, ou melhor, imediatamente a envolveria na sua para encorajar-me a movê-la no ritmo certo. Depois tiraria o lenço e o deixaria pronto para o momento em que lhe sairia da boca um grunhido abafado e, de seu pau, o líquido perigoso. Então ele se retrairia um tanto atônito, talvez envergonhado, e voltaríamos para casa. Um final costumeiro, mas que agora eu tinha confusamente a urgência de mudar: não me importava ficar grávida sem ter me casado, não me importava com o pecado, com os guardiões divinos aninhados no cosmo acima de nós, com o Espírito Santo ou quem mais fosse, e Antonio sentiu isso e ficou desorientado. Enquanto me beijava com crescente agitação, tentou várias vezes puxar minha mão para baixo, mas eu me esquivei, pressionei o púbis contra os dedos que me tocavam, empurrei mais forte e repetidamente, com suspiros fundos. Então ele tirou a mão e tentou desabotoar as calças.

“Espere”, eu disse.

Arrastei-o para o esqueleto da velha fábrica de conservas. Ali era mais escuro, mais abrigado, mas cheio de ratos, senti seus movimentos ariscos, a correria. Meu coração começou a bater muito forte, eu tinha medo do lugar, de mim, da ânsia que me tomara de apagar de meus modos e de minha voz a sensação de estranhamento que eu descobrira em mim poucas horas antes. Queria voltar a submergir no bairro, ser como tinha sido. Queria acabar com os estudos, com os cadernos cheios de exercícios. De resto, exercitar-me para quê? O que eu podia me tornar fora da sombra de Lila não contava nada. O que eu era diante dela vestida de noiva, dela no conversível, o chapeuzinho azul e o *tailleur* pastel? O que eu era aqui, com Antonio, às escondidas, entre destroços enferrujados, o rumor dos ratos, a saia erguida sobre as ancas, a calcinha arriada, ansiosa, angustiada e em culpa, enquanto ela se dava nua com lânguido abandono, entre lençóis de linho, num hotel com vista para o mar, e deixava que Stefano a violasse, entrasse dentro dela até o fundo, lhe desse seu sêmen, a engravidasse legitimamente e sem medos? O que eu era enquanto Antonio se debatia entre as calças e me ajeitava entre as pernas, em contato com meu sexo nu, a carne grossa de macho, e me apertava a bunda esfregando-se contra mim, movendo-se para frente e para trás, arquejando. Eu não sabia. Só sabia que não era o que eu queria naquele momento. Não me bastava ser esfregada. Queria ser penetrada, queria dizer a Lila quando voltasse: também não sou mais virgem, o que você faz eu também faço, não vai conseguir me deixar pra trás. Por isso estreitei os braços em volta do pescoço de Antonio e o beijei, pus-me na ponta dos pés, busquei com meu sexo o sexo dele, sem dizer uma palavra, em seguidas tentativas. Ele percebeu e ajudou com uma mão, senti dentro uma ponta procurando entrar, estremeci de medo e curiosidade. Mas também senti o esforço que ele estava fazendo para parar, para impedir-se de empurrar com toda a violência que nutrira durante toda a tarde e que certamente ainda nutria. Está prestes a desistir, me dei conta, e me apertei a ele para convencê-lo a prosseguir. Porém, com um suspiro longo, Antonio me afastou de si e disse em dialeto:

“Não, Lenu, só quero fazer isso como se faz com uma esposa, não assim”.

Agarrou minha mão direita, levou-a ao sexo com uma espécie de soluço abafado, e me resignei a masturbá-lo.

Depois, enquanto saíamos da área dos pântanos, disse constrangido que me respeitava e não queria me fazer algo de que mais tarde eu me arrependesse, não naquele lugar, não daquele modo sujo e apressado. Falou como se ele é que tivesse ousado demais, e talvez acreditasse mesmo nisso. Não pronunciei uma só palavra durante todo o percurso e me despedi dele com alívio. Quando bati na porta de casa, minha mãe abriu e, inutilmente detida por meus irmãos, sem gritar, sem sequer ensaiar uma reprimenda, me encheu de tapas. Meus óculos voaram pelo pavimento e imediatamente lhe gritei com uma alegria áspera, sem sombra de dialeto:

“Está vendo o que você fez? Quebrou meus óculos e agora, por culpa sua, não posso mais estudar, não vou mais ao colégio”.

Minha mãe gelou, até a mão com que me batera ficou imóvel no ar, como a lâmina de um machado. Elisa, minha irmã caçula, recolheu os óculos e disse baixinho:

“Tome, Lenu, eles não quebraram”.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "História do novo sobrenome" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).